

# BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

C. M. B. BIBLIOTECA

PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro, 39 - Rlc

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director: ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

## UM ANO MAIS...

○ "Boletim" fez um ano e com ele todos nós fizemos um ano mais também. Um ano passa rapidamente parecendo às vezes que nem nos apercebemos da marcha do tempo... tão veloz e constante é o caminhar certo dos dias, das semanas, dos meses. Mas num ano que acabou e que se recorda, quão longa e variada é a paisagem dos acontecimentos nele passados. Dias alegres, dias tristes, dias de esperança, dias de revolta; horas breves, minutos longos, noites claras, dias sombrios!... Que confusa e variada é a visão retrospectiva dum ano acabado! Ah! Se fosse possível voltar atrás no caminho percorrido, como seria diferente, muitas vezes, a maneira de proceder.

O mundo seria um paraíso, se ninguém, no fim dum ano, se tivesse de arrepender da sua conduta, das suas palavras, dos seus próprios sentimentos. Infelizmente é a voz da consciência a que menos se ouve. Quantas vezes bastaria parar um pouco e atentamente escutar-se cada um a si próprio, para se desviar de caminhos tortuosos e seguir pelas vias largas e claras do Dever, da Honra, do Direito e da Justiça.

A vida é cheia de surpresas, bem desagradáveis quantas delas, mas muitas vezes somos nós mesmos que a sobrecarregamos de pesares, que lhe enegrecemos os dias calmos, que atormentamos as horas pacatas.

Tantos passos conscientemente mal dados, tantos momentos voluntariamente vividos fora das leis, tantas horas de loucura, de leviandades, de devaneios sem escrúpulos!... Depois da consciência sobrecarregada de remorsos é aqueles que vos estimam que muitas vezes ides atormentar, fazendo-os passar dias de tristeza, dias de amar-

(Continua na página 8)

## D. António Barroso

É sempre grato aos olhos e à alma recordar, de quando em quando, a figura gigante do Bispo Missionário que foi D. António Barroso. Mas focá-lo nas suas linhas essenciais não é tarefa banal...

Recordá-lo na sublimidade do tema que encarnou é salutar...

Moldá-lo no barro ou no mármore, dando-lhe forma viril e solene deve ser para o artista causa bastante para se erguer em êxtase...

(Continua na página 8)



D. António José de Sousa Barroso

## Temas científicos ao alcance de todos

Uma revolução na acústica

PODE "ver-se" com os ouvidos? Sim! A novidade já não é recente. É já do domínio dos grandes laboratórios científicos mundiais, há alguns anos.

Imaginemos uma cena fictícia: Anuncia-se a execução de uma peça orquestral. Quando os "Ramblers" começam a tocar "vê-se" o saxofone à direita, o trombone à esquerda, atrás, e, à direita deste último, o bombo.

O violinista dança diante do conjunto, aparecendo ora à esquerda, ora à direita.

Numa sala de concerto podemos à vontade fechar os olhos; os ouvidos seguem atentamente o som no espaço.

Secederá o mesmo com a reprodução eléctrica? Não, porque o som perde o seu efeito especial. De facto, não podemos fazer uma ideia exacta da disposição dos diversos instrumentos numa sala de concerto donde a reprodução se faça por meio dum microfone e dum alto-falante. Cada som, cada instrumento vem sempre do mesmo ponto: a abertura do alto-falante. A imagem plástica inicial é, pois, reduzida a um ponto ou a uma pequena superfície.

Familiarizados com esta imagem sonora plana, adaptamo-nos automaticamente, durante a reprodução pelo alto-falante, a essa falta de relevo, quer se trate de reprodução radiofónica, quer de filmes sonoros, quer de discos de gramofone.

Ainda que os bons receptores garantam uma reprodução excelente, devemos lastimar que, apesar de tudo, a audição natural não seja facilmente reproduzida pelo alto-falante. E o ouvido distingue nitidamente a menor falta de relevo.

Todos nós sabemos como o ouvido, binauricular por na-

## Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo

Mais uma vez o «Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo» nos distingue enviando-nos, agora, o discurso proferido por Sua Ex.<sup>a</sup> o Senhor Presidente do Conselho, em 10 de Agosto de 1954, ao microfone da E. N. e que foca «Goa e a União Indiana» — aspectos jurídicos.

Ao S. N. I. C. P. T. os nossos melhores agradecimentos.

tureza, consegue distinguir os efeitos especiais, e, portanto, como se cria o relevo do som. Infelizmente, o microfone é um ouvinte com um só ouvido. Para que o ouvido seja perfeito, é preciso que distinga uma impressão dupla.

O ouvido reage sob a acção de dois componentes: a diferença de intensidade e a diferença de tempo entre dois sons recebidos pelo ouvido. Estas diferenças permitem ao ouvido «localizar» a fonte sonora.

### Exacto... e contudo falso!

Foram os «Ramblers», esses azes da virtuosidade e do ritmo, que fizeram com que a um dos técnicos especializados na reprodução do som, de origem holandesa, fosse possível apreciar a reprodução espacial. Uma das suas criações, gravada sobre *película estereofónica* especial e reproduzida por dois alto-falantes.

Foi este o ponto de contacto com a «*estereofonia*».

Deve dizer-se, porém, que com um exemplo muito mais simples já o referido técnico se havia familiarizado, um tanto, com o princípio desta reprodução. Metido num capacete telefónico foi colocar-se a alguns metros duma «cabeça artificial», isto é, uma esfera do tamanho duma cabeça de criança, munida dos dois lados de um microfone fazendo as vezes dos ouvidos. Os microfones estavam ligados aos telefones colocados na cabeça do técnico mencionado.

Na proximidade da «cabeça artificial» três pessoas iniciaram uma conversação. O efeito desta primeira imagem sonora espacial foi surpreendente. Com um aceno, aquele técnico, indicou que o som lhe vinha das costas, do lado esquerdo.

«Ótimo», foi o grito entusiástico dos restantes cientistas assistentes... e levantando os olhos, aquele reconheceu que esse entusiasmo não tinha sido ocasional...; o som provinha, com efeito, da direcção oposta. Como se explica isso? Muito simplesmente: a cabeça artificial tinha sido desviada.

### A estereofonia na prática

A cabeça artificial e o capacete telefónico constituem apenas o princípio. Na prática, o emprego dos capacitores encontra bastantes dificuldades.

Para alcançar um certo valor prático, a reprodução estereofónica deve basear-se, tal como sucede com a reprodução usual, no emprego de alto-falantes. A película sonora é, indiscutivelmente, um dos campos de aplicação mais importante desta nova reprodução.

Os problemas que ela impõe não são apenas de ordem teórica, mas também de ordem prática. Teóricamente, é necessário satisfazer as condições impostas pelo ouvido espacial. Não basta registar simplesmente duas cópias por meio da cabeça artificial e de as reproduzir seguidamente em dois alto-falantes; é também preciso ter em conta todos os factores que influem no efeito espacial — as diferenças de tempo e de intensidade.

Consideremos uma sala equipada com alto-falantes reproduzindo separadamente imagens sonoras.

Supunhamos que esses alto-falantes estão dispostos de um e do outro lado do «écran»; o efeito do capacete telefónico é então suprimido porque, contrariamente ao que se passa no capacete, a orelha esquerda não capta somente o som vindo da esquerda, assim como a orelha direita não recebe apenas o som emitido à direita. Colocado próximo dos alto-falantes, o ouvinte distingue unicamente um som, pelo que o efeito espacial, é nulo. A técnica tem necessariamente de contar com essa dificuldade.

É necessário também compensar certas diferenças. Assim, a diferença de tempo, elevada ao seu valor máximo e mantendo os dois alto-falantes tão afastados um do outro quanto possível (o que é indispensável para que se obtenha um bom efeito estereofónico), compensasse reduzindo a distância entre as orelhas da cabeça artificial.

Os problemas apresentados pela realização, referem-se na prática, essencialmente, aos aparelhos de registo do som e àqueles utilizados para a reprodução. As experiências com películas estereofónicas (A TÚNICA por exemplo) foram baseadas no princípio de que é preferível não aumentar a largura da pista sonora. Sobre o espaço reservado a uma pista sonora é necessário traçar portanto duas.

Num dos últimos filmes, passados em Paris, o laboratório encarregado da sua adaptação,

# CARRELL ENSINA

(Continuação do número 12)

PROCUROU ansiosamente a verdade; debateu-se entre as correntes ideológicas do século XIX; nunca conseguiu uma certeza, nunca encontrou solução para os problemas do nosso destino, do Bem e do Mal, do Universo e de Deus.

Viveu em ansiosa intranquilidade, na dúvida que é «como um vento de morte e ruína».

Chegou a *dúvida da dúvida*, de que Renan quis livrar-se confundindo o bem com o belo; e daí a *A oração na Acropole*. Mas a única evasão é um acto de fé, a grande libertadora, que permitiu a Pasteur realizar, em paz, uma obra imensa.

Antero não achou o sentido da vida, e daí a vertigem, o arremesso para a morte.

Qual é a filosofia humana que desvendou o mistério que nós somos? Qual é a que sacia a sede de além do infinito que há em nós? Qual foi a que trouxe ao homem mais luz, mais alegria, mais perfeição moral?

Toda a inteligência, a nobre inteligência humana precisa, para se alimentar, do pão da verdade; e a razão só, é incapaz de a

encontrar; tem limites; precisa de se prolongar pela fé, que atinge o infinito, a fé activa, que inspira e guia os grandes bemfeitores da humanidade, celebrados por Carrell que reconhecendo o valor da oração, enfrentou todas as heresias do pensamento que enchem de ruínas as inteligências. A fórmula tem de ser — crer para compreender. Quem não crê não compreende o mistério da vida, a dor, a santidade, o heroísmo dos mártires e apóstolos: a beleza que não morre.

Ver para crer, não é regra a seguir. Antes crer para ver o que olhos humanos nunca poderão enxergar.

Um espírito superior como o de Antero, que na terra não encontra o que ansiosamente busca, que sofre e não sabe *porquê* e *para quê*, se não tem fé, facilmente cai no desalento, no amargo pessimismo que leva ao aniquilamento.

Ao homem, com aspirações imortais, não pode bastar o que é frágil, efémero e variável, como tudo o que é humano. O homem carece do sobrenatural.

Assim ensina Carrell.

**Pinheiro Torres**

procedeu da seguinte maneira, quanto ao registo estereofónico: as dimensões da cabeça gravadora foram reduzidas a metade, tendo sido concebido um segundo gravador. Isto é naturalmente mais fácil de dizer do que de realizar, pois a largura total da pista sonora não ultrapassa 2 m/m. Cada pista não tem portanto mais do que 1 m/m. Além disso, o ouvido é muito sensível às diferenças de tempo. O ouvido interpreta como um deslocamento da imagem sonora uma diferença de tempo de 1/5.000 segundos. Na película, essa diferença de tempo corresponde a um comprimento de 0,1 m/m.

Cada uma das cabeças é comandada por um outro microfone de cabeça artificial. Uma das pistas sonoras corresponde, pois, às impressões recebidas pela orelha esquerda e a outra às impressões recebidas pela orelha direita. A realização duma aparelhagem eficiente para a reprodução de filmes estereofónicos determina ainda uma série de problemas.

É necessário não só produzir um leitor de som conveniente para a exploração da dupla pista sonora, mas também que os alto-falantes e os amplificadores satisfaçam condições extremamente rigorosas.

Existem actualmente laboratórios em que a técnica do princípio do ouvido estereofónico, está completamente estudada e é já hoje uma perfeita realidade. A re-

produção estereofónica dos últimos filmes, adaptados com a cabeça gravadora, atestam o seu avanço, duma forma clara. Localiza-se cada som especial sobre a «*écua acústica*» como se se «visse» pelas orelhas.

Num desses filmes, por exemplo poderá ver-se, ao longe um cavalo com arreo guarnecido de guizos, aproximando-se puxando um grande carro. Ouve-se ao longe, à direita e depois ei-lo que se avizinha, que atravessa a estrada: «*vê-se*» com os próprios ouvidos.

Ainda outro exemplo: Um assistente coloca-se no centro de um salão. Os restantes personagens, movem-se, na cena, da esquerda para a direita. A localização destes personagens é feita sem a menor dificuldade, visto que durante a audição estereofónica as impressões sonoras permitem determinar o local exacto onde se encontravam.

Quantos exemplos como este... e sempre com o mesmo êxito! A reprodução estereofónica abre perspectivas imensas!

A reprodução plástica do som tornou-se um elemento indispensável no programa da evolução. O efeito da acústica espacial e os resultados da estereofonia moderna ultrapassam todas as previsões.

Traduzido do original e condensado por Jaime Ferreira

A SEGUIR: Algumas palavras sobre a radiografia.



# PAGINA FEMININA



## Alguém

Para alguém sou o lírio entre os abrolhos  
e tenho as formas ideais de Cristo;  
para alguém sou a vida e a luz dos olhos,  
e, se na terra existe, é porque existo.

Esse alguém, que prefere ao namorado  
cantar das aves minha rude voz,  
não és tu, anjo meu idolatrado,  
nem, meus amigos, é nenhum de vós!

Quando alta noite me reclino e deito  
melancólico, triste e fatigado,  
esse alguém abre as asas no meu leito,  
e o meu sono desliza perfumado.

Chovam bênçãos de Deus sobre a que chora  
por mim, além dos mares! Esse alguém  
é de meus olhos a esplendente aurora;  
és tu, doce velhinha, ó minha mãe!

Gonçalves Crespo

(Das «Miniaturas»)

## BELEZA E FORMOSURA

**H**mulher deve ser bela; deve ter graças e encantos. Nem todas podem ser lindas, que a formosura não ficou em dote a todas as filhas de Eva, mas todas podem ser belas. Beleza não é formosura nem lindeza: beleza é o resultado das graças, e toda a mulher bem educada pode ter graças; pode-lhas dar a educação, pode suprir até defeitos do corpo, pode substituir a formosura e fazer a fealdade linda.

Mães cegas que vos enlevais na formosura de vossas filhas e cuidais que não precisam mais encantos, mães que chorais sobre a fealdade das vossas e julgais que nenhuns atractivos podem ter, — voltai desse erro, fatal a ambas, e tão funesto a umas como outras. Se a natureza foi liberal com tua filha, não desprezes essa vantagem: cuida de sua formosura; preserva essa tez delicada; conserva essas mãos finas; cultiva essas rosas de saúde; nutre esse cabelo ondado; molda esse talhe airoso; conserva esse porte elegante. Tua filha será formosa, tanto melhor para ela; com virtude, instrução e formosura, há de ser feliz em todo o estado. Foi com a tua escassa ou madrastra natureza? Não a creias infeliz por isso: em tua mão não está fazê-la formosa; bela, sim! A educação embrandece peles duras; amacia mãos ásperas; dá graça e doçura a olhos de pouca luz; faz interessante a face pálida e afáveis os lábios descorados; põe a candura da bondade do coração na fronte que não é alva; faz elegante o corpo que não é airoso, amável o que não é lindo, engraçado o que não é formoso. Tua filha há de ser bela. Conso-la-te, mãe angustiada! Cuida da sua educação; vê-la-ás adorada, feliz e preferida a muita formosura.

Almeida Garrett

(Do «Tratado de Educação»)

## CARTA

MARIA:

**T**ENS um menino e andas doidinha de alegria como, se, apenas tu, no mundo tivesses um menino...

Nenhum é como o teu, é certo, com tanta graça e tão perfeito!... Não te cansas de o olhar e de cada vez lhe descobres mais encantos. Pobre, tontinha! És tão criança, afinal!... Só vês o teu menino como dádiva do Céu: um prémio do teu amor puro e leal. Pensas, levemente, que é preciso vesti-lo de azul ou de branco, que tens de o levar lindo à Igreja, para que as vizinhas te invejem. Tanto que olhas para o teu menino e, não pensaste, ainda, que tens de fazer dele um homem robusto e saudável, um homem de coração terno mas de vontade forte!

Olhas para o teu menino embevecida, como se ele houvesse de ser eternamente pequenino, lindo, rosado e inocente. Pobre Maria, que não sentiste ainda sobre os teus ombros a pesada responsabilidade que te impõe a tua nobre missão de Mãe. Eu sei que te não assustam os trabalhos, porque, por amor do teu menino, sentes-te capaz dos maiores sacrifícios, mas, pensa, que de ti há-de depender, em grande parte, a saúde do teu filho e as suas qualidades ou os seus defeitos.

Conforme os teus cuidados ou desmazelos de agora, assim o teu menino virá a tornar-se robusto ou enfezado, raquítico e até às vezes aleijado.

Nunca te guies pelos conselhos das vizinhas entendidas enquanto ele for pequenino. Leva-o ao médico mal o sintas doentinho. Sê egoísta do teu filho: não o entregues a ninguém, nem de ninguém confies a sua alimentação, porque, acredita, ninguém, como tu, terá tanto cuidado. O teu filho precisa de cuidados e não de mimos, convence-te. Tens obrigação de o trazer limpo e não luxuoso, porque a higiene é a primeira condição da saúde.

O teu filho vai crescer devagarinho mas é necessário que à sua volta sinta, desde os primeiros meses de vida, o amor dos pais; é necessário que ele se crie num ambiente de virtudes e de bons hábitos. É velho o ditado que diz: Casa de pais, escola de filhos, e é bem verdadeiro.

Tu serás responsável perante Deus, perante a Pátria e perante a sociedade daquilo que fizeres do teu filho.

Será um homem cumpridor dos seus deveres? Será um homem sem dignidade? Será um trabalhador? Será um inútil? Será um vadio? Será um justo, um abnegado e até um Santo?

Sabe-o Deus, é certo, mas crê que da orientação que souberes dar à sua educação algum resultado há-de vir. Crê que tu podes ter muita influência na vida do teu filho.

Olha bem pois para o teu menino, mas apercebe-te de que ele tem uma alma, que a ti principalmente compete modelar. Repara bem no teu filho e pensa que terás de formar uma consciência recta e terás de criar uma personalidade. Ambicionas para o teu filho um futuro lindo, sem desgostos, sem contrariedades, sem desaires e, sobretudo, sem vergonhas, mas olha que ele nada sabe do mundo, não lhe conhece os caminhos do Bem, nem os desvios do Mal.

É tão complexa e difícil a tarefa da educação dos filhos que infelizmente a maior parte dos pais não estão à altura de a saber dar convenientemente.

É necessário sobretudo que os pais se lembrem que educam mais com o exemplo do que com os conselhos.

Deves ser exigente com o teu filho no cumprimento dos seus deveres mas, é preciso, primeiro, que ele não possa apontar, aos pais, deslizes na sua conduta.

De nada valem ralhos nem ameaças se os teus hábitos, a tua linguagem, os teus exemplos não puderem servir de modelo a teu filho.

Ao admirares, encantada, o teu menino, de uma coisa te debes lembrar: ele tem alma aberta a receber todas as lições que o mundo lhe der, boas ou más, dignas ou vergonhosas.

Tu, como Mãe extremosa é que tens o dever de encaminhá-lo ternamente para o Bem, fazendo com que o Mal lhe cause repugnância.

Não te esqueças Maria que tens de fazer do teu menino um Homem que te fique grato pela educação que lhe deres.

Que Deus to acompanhe e o cubra de bênçãos é o que te deseja a tua amiga

Margarida



Dirigida por Adriano Faria e Manuel de Sousa

## DENTRO E FORA DO RINQUE

A TEBE venceu o Torneio Triangular

No dia 9 de Setembro, organizou o Gil Vicente um Torneio Triangular, de Oquei em Patins, ao qual concorreram além daquele clube, o Oquei Clube de Barcelos e o Desportivo da TEBE.

Os resultados dos dois primeiros jogos foram os seguintes: Tebe, 2 - Gil, 0. Oquei Clube, 1 - Gil, 0.

E foi este o aperitivo para o prato forte da noite.

Com uma assistência record nestes últimos tempos, as equipas entram no Rink.

Quase 80% da assistência são adeptos do Oquei Clube, que desde logo fazem uma chamada às energias dos seus jogadores.

A TEBE, embora mais esquecida dos seus adeptos, ensaia algumas sticadas à baliza.

O jogo vai principiar.

Arbitra José da Costa que faz alinhar assim as equipas:

Oquei — Aparício, Bessa, Miranda, Vasconcelos e Oscar (1). A 6.º, Vítor.

TEBE — Arantes, Pedras, Nunes (1), Carvalho (1) e Matos (2). A 6.º e 7.º, Abílio e Camilo.

Bola de saída e o jogo ganha interesse imediato, pois nos primeiros lances qualquer das equipas poderia marcar.

O apito do árbitro quase se não ouve tal é a gritaria em volta do Rink.

Entretanto aos 10 minutos Carvalho tem um remate à baliza de Aparício, obrigando este a grande defesa, mas cedendo grande penalidade, que Nunes transforma no primeiro tento da TEBE.

O Oquei reage e na sequência do jogo, Oscar põe os grupos em igualdade depois de jogada brilhante de Miranda.

Bola no centro do Rink e a TEBE tem uma avançada em forma em que a bola apenas tocou os seus avançados, sendo o remate final de Carvalho defendido com uma saída arrojada de Aparício a desviar a bola para a tabela de canto.

Descida agora do Oquei ao meio Rink da TEBE mas Vasconcelos falha o remate final. A TEBE volta a brilhar em jogadas entre os primos Carvalho e Matos, e quase ao terminar a 1.ª parte, Carvalho marca espantosamente o 2.º golo da sua equipa. Arrancando com a bola da sua área, Carvalho dribla todos os seus adversários, atira à baliza, Aparício vai defender e Carvalho já em desequilíbrio com um golpe de rins afasta o esférico de Aparício para as redes desertas.

Até este momento apenas vimos uma equipa a jogar Oquei: a TEBE, iniciando da melhor maneira este encontro tem jo-

(Continua na página 5)

## ABERTURA

Com a chegada a nova época do futebol...

Novamente as atenções se voltam para os campos desportivos, onde multidões de gente, num quadro festivo e cheio de beleza, vão apreciar os «Azes da Bola», em jogadas maravilhadas pela técnica e movimentação.

De novo a animação e alegria reinará numa parte dessas multidões que, pelo valor técnico ou mais protegida pela sorte, ocasionará na outra menos favorecida, momentos aflitivos e de inquietação.

Depois de uns meses de descanso é natural que, com a sua cuidada e intensa preparação, os clubes se apresentem aptos a enfrentar um campeonato bastante longo e duro.

A título experimental, ao que parece, será o Nacional da II Divisão disputado em duas zonas sómente. A prova será pesada para os clubes que terão maiores deslocções a fazer, sendo no entanto favorável aos espectadores que terão a oportunidade de presenciarem nos seus próprios campos, novos clubes.

E assim volta esta nova época.

Estamos certos que as multidões acorrerão já no seu início aos campos desportivos, num acto digno de curiosidade, a observarem num juízo perfeito as novas «Vedetas» do seu clube e que o continuarão a apoiar no decorrer da temporada.

A. Faria

### José Pires Bigote

A prestar serviço militar em Torres Novas, encontra-se o nosso companheiro de trabalho Pires Bigote, que durante o primeiro ano de publicação deste «Boletim» dirigiu esta página desportiva com competência, sendo os seus artigos muito apreciados no meio oquista do Distrito.

Criticando este ou aquele acto que merecia censura, Pires Bigote louvava com o mesmo entusiasmo, com que antes havia criticado.

Desejamos sinceramente que Pires Bigote volte a escrever com regularidade para o nosso «Boletim.»

## Os clubes populares e sua acção no desporto local

Na época que findou e muito ao contrário do que vinha sucedendo anteriormente, passaram despercebidos, ou melhor dizendo, não nos foi possível assistir àqueles torneios populares de futebol que eram, com expectativa e curiosidade, presenciados por centenas de simpatizantes pelo Desporto-Rei. Era nesses pequenos mas sempre repetidos torneios, organizados por um dos clubes concorrentes ou de opinião entre todos disputando uma pequena taça, que se via, num verdadeiro desportivismo, jovens na sua mocidade, habilidosos e combativos, em jogadas belas e já com técnica, a prepararem-se talvez ambiciosamente, para mais tarde serem os defensores das cores dos clubes maiores.

Foi assim desses clubesinhos de rapazes que nasceram muitos dos actuais bons jogadores do futebol e que, a manter-se esta grande escola, muitos outros surgirão a incluir o seu nome nessa lista.

Teremos que lamentar e manifestar o nosso desagrado contra o desleixo daqueles a quem compete esta missão. Tornar-se-á necessário fazer revigorar esses pequenos torneios, empregando todos os esforços e cuidados para que, trilhando um caminho recto e seguro, voltem ao campo desportivo esses jovens que hoje, não são mais do que um pequeno raio do sol a espreitar no alvorecer do dia, mas amanhã serão, não esse raio de esperança, mas sim, uma realidade no desporto local.

Preciso será que, para este empreendimento, surja o auxílio daqueles que mais directamente irão, num futuro mais ou menos próximo, chamar para si o fruto cultivado nesse grande viveiro que são — os clubes populares.

É sobre este auxílio que voltaremos ao assunto no próximo número.

A. Faria

## Nacional da II Divisão

Para abertura da época e contar para o Nacional da II Divisão, realizou-se em Barcelos, com numerosa assistência, o encontro Gil Vicente-Sanjoanense. O encontro terminou com a vitória do grupo local por 3-0.

Jogo muito bem disputado, notando-se a superioridade técnica do grupo gilista. Os visitantes tentaram impor-se por momentos, criando embaraços à defesa local, não marcando por infelicidade.

(Continua na página 5)

# Página Desportiva

## UM POUCO DE CAMPISMO

**C**AMPISMO é a vida temporária fora dos centros urbanos, de baixo de tenda ou outro abrigo apropriado, organizado de maneira a que, por um conjunto de actividades de carácter educativo, conduza a um melhor aperfeiçoamento físico, moral, cívico e até intelectual dos seus praticantes. Praticar campismo, é viver em pleno ar livre no contacto directo com a natureza, longe dos centros urbanos, acampando nas matas, florestas, pinhais, montanhas, à beira-mar, nas margens dos rios e lagoas, enfim, em locais completamente afastados dos aglomerados populacionais. Praticar campismo é viver uma vida de aparência semi-selvagem, em que os praticantes têm de prover o seu sustento, dormir numa frágil barraca de tela ou lona, preparar as suas refeições, praticar exercícios físicos, admirar as belezas do Criador, realizar grandes marchas, etc.

Podeis dormir na cidade, numa tenda e preparar os alimentos na fogueira, mas não se pode chamar a isso fazer campismo. Podereis passar as vossas férias ou os fins de semana em pleno campo, num hotel, numa vila, numa praia ou nas termas, mas não fazeis campismo. Quando muito procurastes um lugar de conforto e bem estar, mas não observastes as verdadeiras regras do campismo. São necessárias as seguintes condições para se praticar campismo:

1.º—Viver em plena natureza, acampando nos campos, pinheirais, florestas, montanhas, à beira-mar e à beira-rio.

2.º—Passar as noites num abrigo portátil.

3.º—Preparar pelas próprias mãos as refeições.

Não julguem porém que o Campismo só é próprio para rapazes. Pelo contrário, ele é em excelência o desporto para todas as idades, e que pode ser praticado por pessoas de ambos os sexos.

O Campismo pode não servir aos doentes e comodistas, mas por certo serve para toda a gente, desde a criança ao adulto de avançada idade.

Os Campistas mais novos, cheios de espírito de aventura, coragem e entusiasmo, serão capazes de montar o seu acampamento em qualquer parte e em quaisquer circunstâncias de tempo, em novos horizontes de sol e ar puro, e a terra tornar-se-á pequena para as suas digressões.

As raparigas servirá de aperfeiçoamento, e a convivência benéfica junto de rapazes dotados de bons costumes e esmerada educação, estabelecerá sã camaradagem e respeito mútuo.

Os mais velhos procurarão no remanso das campinas, dos vales verdejantes, à beira de tranquilos lagos e rios de águas serenas, a paz, o sossego para os nervos já alquebrados de forças duma vida exaustiva de trabalhos, e recordarão muitas vezes os seus fugidios dias de felicidade através deste mar encapelado da vida.

Camplista

## NACIONAL DA II DIVISÃO

(Continuação da página 4)

O Gil Vicente fez alinhar os seus novos elementos: Senra (do Ferroviários), Arménio (do Olhanense) e Valdemar (do Famalicão).

\*

Não estranhando o ambiente de jogar fora de sua casa, o Salgueiros foi criar embaraços ao Vianense, vencendo-o no seu campo por 1-0.

Feliz empresa do clube salgueirista e má situação do Vianense já na primeira jornada.

\*

Na segunda jornada e num encontro pesado para o visitante, o Gil Vicente conseguiu averbar para si um ponto, na sua deslocação a Viseu, tendo conseguido um empate a 2 bolas com o Académico.

O visitante, demonstrou melhor conjunto e perigo nas suas avançadas, evidenciando-se no campo adversário.

\*

Jogando em Coimbra com o União, o Vianense foi derrotado por 5-1, num jogo em que venceu à vontade, o melhor.

\*

Não foi satisfatório para a turma salgueirista o resultado

do primeiro jogo realizado em sua casa.

Depois da excelente vitória de Viana, vê-se dominado no seu próprio campo pelo Torreense por 2-1.

O Torreense foi sem dúvida um sério adversário, vencendo muito justamente.

## I DIVISÃO

A surpresa da primeira jornada regista-se no empate do grupo bracarense com o Sporting de Portugal a 2 bolas.

Os minhotos quiseram impor entraves aos visitantes, não conseguindo por casualidade.

\*

O Benfica venceu facilmente o Setúbal por 5-0.

\*

O Belenenses venceu o Futebol Clube do Porto por 1-0.

\*

O Vitória de Guimarães foi batido em Évora pelo Lusitano por 2-1, num jogo em que poderia ter mostrado nítida superioridade.

Pê Ele

## DENTRO E FORA DO RINQUE

(Continuação da página 5)

gado ligada e decididamente ao ataque.

O Oquei Clube, é uma sombra de si mesmo.

Recomeçado o jogo imediatamente ficou decidido o resultado com a marcação do 3.º tento por Matos, o que colocou a Tebe a vencer por 3-1.

O jogo ganha agora mais equilíbrio, não porque o Oquei tenha subido, mas simplesmente porque a Tebe abrandara o ritmo do seu ataque.

Chega agora a vez de fazer jogo para a galeria e assim o tempo se vai passando.

Entretanto o Oquei Clube sentindo naquele momento o amargo peso da derrota a que já não pode fugir, reage duramente, e vemos então alguns lances a pedir reprimenda que o árbitro não quis aplicar já com o jogo no fim.

A Tebe, sentindo a pressão dos seus adversários volta ao ataque com tal velocidade, que marca em jogada vistosa dos primos Matos, o 4.º e último golo da partida.

Pouco depois chega o termo do jogo com o resultado de 4-1 a favor da Tebe, que na realidade realizou o seu melhor jogo esta temporada, e vencendo assim a taça "Liz" no torneio triangular de Barcelos.

No vencedor não há nomes a destacar, mas Carvalho merece referência especial pois realizou o seu melhor jogo de todos os tempos.

No vencido apenas Miranda se salvou do naufrágio geral.

A arbitragem embora contemporizando com o jogo duro foi bastante regular.

Stik

## João Gonçalves Martins

Um nome ao serviço das conceituadas águas

: Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas :

Agente da conhecidíssima Companhia de Seguros

« A MUNDIAL »

Em frente à Estação do Caminho de Ferro — BARCELOS

## Grandiosa Peregrinação dos Operários à Franqueira, sob a Presidência do Senhor Arcebispo Primaz

De iniciativa dos Sindicatos e patrocinada pelas empresas locais, vão os operários do Concelho de Barcelos, numa grandiosa peregrinação de fé e devoção acompanhar, no próximo dia 10 de Outubro, ao Monte Sagrado da Franqueira, o seu excelso patrono, o glorioso São José.

Irmanados pela mesma fé quiseram, — dirigentes dos organismos, patrões, operários e artífices —, num louvável acto de devoção, adquirir a imagem do seu padroeiro S. José para a ir colocar ao lado do altar da Virgem da Franqueira para que lá do alto, volte o seu olhar terno sobre nós.

Como acto de preparação para este acto solene, haverá de 2 a 10 de Outubro na Igreja Matriz, novena e tríduo em honra do mesmo Santo, com pregação por um distinto orador sagrado.

Todos, com o mesmo sentimento de fé, não faltaremos a estas cerimónias religiosas, acompanharemos o nosso padroeiro e subiremos *nesta romagem santa* aos pés da Virgem da Franqueira e aí cantaremos em uníssono, as glórias e Hossanas de Deus, implorando que faça reinar para sempre a paz no Mundo.

Adriano Faria

## SORTEIO «TEBE»

Os números premiados no sorteio que a Empresa Têxtil de Barcelos, L.<sup>da</sup>, organizou foram os seguintes:

- 1.º Prémio (nas séries A, B, e C) — 869
- 2.º Prémio (nas séries A, B, e C) — 995
- 3.º Prémio (nas séries A, B, e C) — 752

O nosso camarada de trabalho Armando Pimenta é a pessoa encarregada deste interessante sorteio e a ele devem ser solicitados todos os esclarecimentos, bem como a apresentação das senhas premiadas a fim de se não demorem as entregas dos prémios.

## Abono de Família

A fim de ilucidarmos os interessados publicamos, com certo interesse, a circular da Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Indústria Têxtil cujo teor é o seguinte:

«Nos termos do disposto nos art.ºs 9.º e 32.º do Decreto n.º 38.969, de 27/10/52, relativo à obrigatoriedade do ensino primário elementar, deve V. Ex.<sup>a</sup>, caso tenha a seu cargo menores em idade escolar, isto é, que até 31 de Dezembro de cada ano tenham mais de 7 e menos de 13 anos de idade, observar o seguinte:

1.º — Aqueles menores, desde que não estejam ainda habilitados com o exame elementar — 3.ª classe — devem ser obrigatoriamente, *matriculados* no respectivo estabelecimento de ensino de 1 a 7 de Outubro de cada ano;

2.º — O certificado de matrícula correspondente, de dispensa de matrícula ou de aprovação no exame de 3.ª classe, deve ser remetido a estes Serviços até ao dia 25 do mesmo mês.

A falta de cumprimento das referidas disposições legais implica a perda dos abonos de família até ao mês inclusivé em que aquele documento der entrada nesta Caixa, nos termos do art.º 32.º do mesmo Decreto».

A BEM DA NAÇÃO

Pe'l' O PRESIDENTE

Licínio G. Moreira

## Página Literária

Por motivos imprevistos não foi possível inserir, neste número, a «Página Literária», do que pedimos desculpa aos nossos leitores.

## Um pensamento

O teu inimigo revela-se a si próprio na expressão do olhar; não pode dissimular nele a alegria, quando te sobrevém uma desgraça.

Prov. Muçulmano

## Cândido Gonçalves Pereira

Depois de submetido a melindrosa operação já se encontra em franca convalescença este nosso amigo e Snr. Cândido Gonçalves Pereira, digno sócio da TEBE.

«Boletim Social da TEBE» faz votos pelo rápido restabelecimento do Snr. Cândido Gonçalves Pereira.

## António Baptista

Passando no próximo dia 8 de Outubro mais um aniversário do nosso Director todos quantos nesta trincheira trabalham enviam o seu cartão de parabéns, fazendo votos que mais aniversários comemore para bem do jornal que tão denodadamente defende.

## Pires Bigote

A este nosso camarada de redacção que se encontra a prestar serviço militar em Torres Novas enviamos os nossos melhores cumprimentos fazendo votos para que Deus lhe dê a protecção que merece...

## Anunciantes

Aos nossos queridos anunciantes enviamos o nosso cartão de agradecimentos.

## Alguns cúmulos

*Do ferreiro* — Limar as chaves do céu.

*Do pedreiro* — Demolir as obras de misericórdia.

*Do soldado* — Resistir ao fogo das batalhas sem se derreter.

*Do batoteiro* — Jogar com as cartas da recomendação.

*Do taberneiro* — Dar de cear à boquinha da noite.

*Do caseiro* — Tirar água dum poço de virtudes.

*Do sineiro* — Dobrar sinos sem lhes fazer vincos, e suar para os fazer soar.

## «LUAR»

Ó noites de luar suaves calmas  
De imensa beleza e solidão...  
Em que palpitam numa estranha comunhão  
Os silêncios, as raízes, as almas...

Anda a lua envolvida em branco véu!  
A minha estrela, alegre, radiante  
Por vezes vaidosa e coleante  
Vai-me iluminando lá do céu.

Nesse momento de luar tão puro  
Já não vejo presente num futuro  
E fico a olhar a noite adormecida!

É assim que eu sonho e medito  
E todo este sonho fica escrito  
Num soneto em que eu quis cantar a vida!

Palmira de Carvalho Henriques

## Uma anedota

Com... barbas

A tia: — O quê, menina! Tu não protestaste quando ele te beijou?

A sobrinha: — Então como queria a tia que eu protestasse? Não sou ventríloqua!

## Uma quadra

A vida é o dia de hoje,  
A vida é ai que mal soa,  
A vida é sombra que foge,  
A vida é nuvem que voa.

JOÃO DE DEUS

## Concurso Anual

A Direcção do «Boletim Social da TEBE» estuda a maneira de pôr em prática um curiosíssimo concurso... Aguardemos as probabilidades e as autorizações devidas...

## Agradecimento

A todos nossos queridos colaboradores o melhor preito de gratidão.

## A música suaviza as condições de trabalho e aumenta a produção

Tal como nas grandes zonas industriais do mundo, a TEBE, modelar estabelecimento fabril, melhorou ao seu pessoal as condições de trabalho oferecendo-lhe programas musicais que muito tem contribuído para melhorar a produtividade e, simultaneamente, empresta — como é necessário — alegria e optimismo na vida do trabalho.

Está, pois, de parabéns a gerência da TEBE.

## IMPRENSA

«Boletim FIL»

Recebemos o 1.º número do «Boletim FIL» que, pelo seu aspecto gráfico, boa apresentação, excelente papel e valiosa colaboração, muito contribuirá para cimentar um melhor estreitamento de relações entre dirigentes e dirigidos.

Oxalá que a resultante da persistência, da vontade e do esforço conjugados dos que nobremente se dedicam a levar a cabo a projecção do «Boletim FIL» seja bem compreendida por todos — são esses os nossos melhores votos.

Quanto aos vaticínios — parecem-nos os melhores.

Ao seu Director, Snr. Álvaro Monteiro, vai o nosso melhor abraço de cumprimentos e mútua solidariedade.

Aos digníssimos dirigentes da FIL os nossos melhores parabéns.

«Boletim do Boavista»

A este interessante e bem redigido quinzenário que desde há muito nos visita queremos agradecer as palavras amigas que nos dirigiu e que abaixo publicamos:

«Comemorando o seu primeiro aniversário publicou aquela colectividade um número especial do seu Boletim.

Mostrando boa colaboração e óptimo aspecto gráfico, temos o maior prazer em felicitar os dirigentes do clube e os redactores da publicação, augurando-lhes as melhores prosperidades».

É com o mais vivo reconhecimento que testemunhamos os nossos melhores agradecimentos a todos os jornais que, pela passagem do nosso primeiro aniversário nos dirigiram amáveis cumprimentos dizendo algo da sua justiça.

Entre os muitos queremos agradecer à imprensa local, que sempre nos acarinhou, bem como ao «Comércio do Porto», «Primeiro de Janeiro», «Diário de Coimbra», «Despertar de Coimbra», «Boletim FIL» e a todos quantos nos disseram palavras de conforto e compreensão.

Para todos pois os nossos penhorados e sinceros agradecimentos.

Recordações da Argentina

## A Barca Portuguesa

## «Elvira»

Por Manuel Augusto Vieira

(Continuação do número 13)

A nossa alegria, ao pisar aquele pedaço do solo pátrio, era indescritível. Não há pena que possa descrever a sensação desse momento. Só quem a sentiu, pròpriamente, jamais a esquece e por melhor que a descrição desse momento fosse feita, ficaria muito aquém do que realmente a nossa alma sente. Ao ver aquele retalho de pano de duas cores, com o escudo das quinas, que logo que demos os primeiros passos no mundo, nos ensinaram a amar e respeitar, símbolo querido da terra onde nascemos, onde vivemos na infância, os nossos olhos orvalharam-se como se devem orvalhar os de um filho de bons sentimentos no momento em que inesperadamente encontra a mãe querida, de quem há anos está separado. Nessa ocasião, abatam-se ideologias, para só se ver a Pátria, Mãe de todos os portugueses. Ainda nós, — os quatro — tínhamos esperança de voltar ao seu seio, ao seu regaço, mas quantos há que, depois de a terem deixado, não voltam mais. O que sentirá o exilado que, por força de uma lei, por um delito social ou político, não possa voltar ao solo paterno?

Era avançada a noite quando nos retiramos. Saímos com um plano formado, assente, de realizar uma festa a bordo. Um baile, que terminasse com fogo de artifício. Foi um fim de dia esplêndido, em toda a extensão da palavra, não só por considerarmos aquela barca o nosso querido Portugal, como pelas notícias que nos deram os tripulantes sobre o progresso acelerado das ideias republicanas do nosso país. Os jornais davam-nos notícias muito reduzidas, mas apesar de quase dois meses que durou a viagem, soubemos coisas que ignorávamos: os comícios para a eleição dos deputados, defensores do povo e patriotas, Afonso Costa, João de Meneses, João Chagas, Alexandre Braga, António José de Almeida e muitos outros.

O comandante era pela monarquia, o imediato e o resto da tripulação republicanos ferrenhos, mas, naquela hora de agradável encontro, éramos sobretudo portugueses e nas nossas mentes, nos nossos corações, unicamente uma coisa víamos, a sublime, a majestosa imagem da Pátria querida.

Na noite do dia seguinte, voltamos ali a reunir-nos e combinamos contratar um sexteto, que tocaria sobre a escolha do porão, e dançaríamos no tombadilho. Ficou o adorno da barca com bandeiras, cordas, redes, remos e salva-vidas ao cuidado do imediato e da tripulação entusiasmada. Na ré, sobre a tolda, mesas pequenas onde se serviriam às senhoras convidadas: sanduiches, doces, licores, vinhos e sorvetes. No fim do baile queimaram-se uma certa quantidade de fogo de artifício japonês.

Ao senhor Dr. Roque da Costa, encarregado de negócios de Portugal, pedimos licença para anunciar aos portugueses que quisessem fazer parte da festa, que podiam procurar o convite no consulado. Só dessa forma, pudemos dar conta do número de patrióticos que fora os das associações da colônia, naquela cidade existiam.

Ultrapassou em tudo os nossos calculos. A afluência de portugueses e argentinos descendentes de raça lusitana foi enorme.

(Continua no próximo número)

## O VATICANO

Por JAIME FERREIRA

## Pio XI, modernizador do Vaticano

NA extensa galeria papal, podem ser destacados Sixto IV, Alexandre VI, Júlio II, Leão X, Pio IV, Gregório XIII e Sixto V como os pontífices que mais contribuíram para o enriquecimento e o embelezamento do Vaticano. As preciosas colecções da Santa Sé estão distribuídas por numerosos museus: Pio Clementino, Chiaramenti, Galeria Lapidária, Museu Egípcio, Museu Etrusco-gregoriano, Museu profano, Museu sagrado, Gabinete dos papiros, Câmara das bodas aldobrandinas, Sala das pinturas bizantinas, Gabinete das medalhas, Pinacoteca, Galeria Arazzi e na Biblioteca.

Entretanto, foi Pio XI o pontífice que, por um imperativo natural da sua época, mais contribuiu para a introdução no Vaticano de melhoramentos característicos do nosso agitado século. Apesar de essencialmente conservador no exercício da soberania pontifical, Pio XI acudia às solitações práticas das grandes conquistas do espírito humano, interessando-se profundamente pelas pesquisas científicas. No primeiro ano do seu pontificado apareceu no Vaticano o primeiro automóvel, oferta de paroquianos milaneses ao seu ex-cardeal arcebispo. Pio XI experimentou-o com a mais infantil alegria, percorrendo os Jardins do Vaticano. Hoje, moderníssimos veículos auto-motores, são vistos na Cidade-Estado, formando curiosos contrastes com velhas e honoráveis carruagens. O carro favorito de Pio XI, tinha a placa «Vatican City 1», de fabricação americana.

Possui também o Vaticano uma das mais poderosas estações de rádio do mundo, instalada por Marconi, em 1931. É modernamente equipada, e o soberano pontífice, antecessor de Pio XII, interessava-se assiduamente no exame dos seus complicados dispositivos mecânicos. Tornou-se famosa a primeira mensagem radiofónica do Papa, dirigida em 1931 aos católicos do mundo inteiro. Era a primeira vez que a voz pontifícia se fazia ouvir pela rádio. A Encíclica do trabalho foi irradiada na íntegra, bem como a célebre Encíclica do Casamento.

As paredes do Vaticano, algumas de 14 pés de espessura, jamais teriam experimentado surpresa mais espantosa do que quando engenheiros americanos foram obrigados a perfurá-las para dotar a Santa Sé do mais moderno sistema de comunicações telefónicas, entre os esplêndidos e inestimáveis «afrescos» das «loggias» e bibliotecas, os museus e as maravilhosas paredes da Capela Sixtina.

O pontífice foi presenteado com um bellissimo telefone de ouro, decorado com as armas papais e a effigie dos 4 evangelistas.

Pio XI foi sempre pacientíssimo com os repórteres fotograficos, mas detestava operadores de cinema, proibindo mesmo a sua intromissão no Vaticano. Um episódio curiosíssimo, que ilustra o espirito liberal e o senso de humor do grande pontífice, ocorreu no «hall» do Consistório com os seus tetos dourados e paredes de damasco, num ambiente sempre acostumado à placidez e à dignidade das vozes cardinalícias, quando uma legião de marujos norte-americanos ergueram nele, saudando o Chefe da Cristandade, um formidável «hurrah» que abalou o Vaticano até os alicerces... Nove «Navy» em coro e três aclamações ao Santo Padre erguidas por uma centena de alunos da Academia Naval de Anapolis não é um castigo que qualquer ouvido possa suportar num recinto fechado.

Pois Pio XI gostou daquela manifestação inédita e pediu que repetissem o «hurra», com um sorriso amigo, dirigindo-lhes, depois de uma saudação patriótica, um cordial aperto de mão, que foi, talvez, a emoção suprema que poderiam experimentar os jovens cadetes.

Uma saudação amável é sempre dirigida aos turistas pela Guarda Suíça, quando transpõem, sem o menor constrangimento, os umbrais do Vaticano. Há como algo de fantástico ou alegórico nas sensações despertadas aos visitantes que penetram pela primeira vez os seculares muros, como num sonho de alguém que haja caído entre as páginas ilustradas dos contos medievais.

Não há ali problemas de tráfego, dísticos intrusos ou anúncios luminosos. Sob esse aspecto o Vaticano conserva em toda a sua imponência uma atmosfera sisuda e impressionante.

Sendo a mais nova soberania do mundo, em virtude da sua singular definição político-científica, como «Cidade-Estado» é, todavia, a Santa Sé, na sua realidade espiritual, a mais velha soberania, que se exerce em todo o mundo cristão-católico-romano: De cento e poucos acres de área, estende a sua influência religiosa com raios purificadores, a todos os continentes do Globo.

## Joaninha e Carlos

Conto de Almeida Garrett

(Continuação do número 12)

SERÁ; mas em mim é irremediável, não sei pintar de outro modo. Voltemos ao nosso retrato.

Os olhos pardos e não muito grandes, mas de uma luz e viveza imensa, denunciavam o talento, a mobilidade do espirito — talvez a irreflexão... mas também a nobre singeleza de um carácter franco, leal e generoso, fácil na ira, fácil no perdão, incapaz de se ofender de leve, mas impossível de esquecer uma injúria verdadeira.

A boca, pequena e desdenhosa, não indicava contudo soberba, e muito menos vaidade, mas sorria na consciência de uma superioridade inquestionável e não disputada.

O rosto, mais pálido que trigoero parecia comprido pela barba preta e longa que trazia ao uso do tempo. Também o cabelo era preto; a testa alta e desafogada.

Quando calado e sério aquela fisionomia podia-se dizer dura; a mais pequena animação, o mais leve sorriso a fazia alegre e prazenteira, por que a mobilidade e a gravidade eram os dois polos desse carácter pouco vulgar e difficilmente bem entendido.

Daquele busto clássico e verdadeiramente moldado pelos tipos da arte antiga, podia o estatuário fazer um filósofo, um poeta, um homem de estado ou um homem do mundo, segundo as leves inflexões de expressão que lhe desse.

Neste momento agora, e ao entrar na pequena espessura daquelas árvores, animava-o uma viva e inquieta expressão de interesse — quebrado contudo, sustido, e, para assim dizer, *sofreado* de um temor oculto, de um pensamento reservado e doloroso que lhe ia e vinha ressumbrando na face, como a antiga e desbotada cor de um estofado que se tingiu de novo — que é outro agora mas que não deixou de ser inteiramente o que era...

Alegra-se assim um triste dia de Novembro com o raio de sol transiente e inesperado que lhe rompeu a cerração num canto do céu...

Tal era, e tal estava diante de Joaninha, adormecida, o que não direi mancebo porque o não parecia — o homem singular a quem o nome, a história e as circunstâncias da donzela pareciam ter feito tamanha impressão.

— «Joaninha!» — murmurou ele apenas a viu à luz ainda bastante do crepúsculo — «Joaninha!» — disse ele outra vez, contendo a violência da exclamação: — «É ela sem dúvida. Mas que diferente!... quem tal diria! Que graça, que gentileza! Será possível que a criança de há dois anos?..»

Dizendo isto, por um movimento quase involuntário lhe tomou a mão adormecida e a levou aos lábios.

Joaninha estremeceu e acordou.

— «Carlos, Carlos!» — balbuciou ela com os olhos ainda meio fechados — «Carlos, meu primo... meu irmão! era falso, diz: era falso? Foi um sonho não foi, meu Carlos?..»

E progressivamente abria os olhos mais e mais até se lhe espantarem e os cravar nele arregalados de pasmo e de alegria.

— «Foi, foi» — continuou ela — «foi sonho, foi um sonho mau que eu tive. Tu não morreste... Fala à tua irmã, à tua Joana; dize-lhe que estás vivo, que não és a sombra dele... Não és, não, que eu sinto a tua mão quente na minha que queima, sinto-a estremeecer com a minha... Carlos meu Carlos! dize, fala-me: tu estás vivo e são? e és... és o meu Carlos? Tu próprio, não é já sonho, és tu?..»

— «Pois tu sonhavas? Tu, Joana, tu, sonhavas comigo?»

— «Sonhava como sonho sempre que durmo... e o mais do tempo que estou acordada... sonhava com aquilo em que só penso... em ti».

(Continua no próximo número)

# D. António Barroso Rumo a Deus ou sede de luz

Por ANTÓNIO BAPTISTA

(Continuação da página 1)

Perpetuá-lo na tela com toda a grandeza da sua figura inconfundível deve ser encantador...

Mas traçar a sua biografia, dia após dia, hora após hora, deve ser causa de preocupações constantes na certeza de não acertar suficientemente em dados puramente concretos.

Sabe-se a obra e sabe-se a vida; mas ignora-se quantas vezes... ai tantas vezes, o pormenor essencial para se descrever com graça e leveza um momento que define uma existência...

Mas definir o homem, já tão definido, é mais difícil ainda... E porquê? Porque D. António Barroso, na grandeza da sua obra eterna, porque santa, reflecte toda uma epopeia de beleza... Beleza que vive na alma e se reflecte nos olhos... Beleza que nos encanta os ouvidos e toca nos corações... Beleza desenhada na dádiva sublime e ignorada ao pobre ignorado...

\*

Ainda não há muitos dias que me foi dado o prazer de contemplar um busto de D. António Barroso na beleza plástica dum barro do escultor António Carlos Esteves...

Demorei-me alguns momentos a olhar aquelas barbas longas... aquela fronte solene donde brotava bondade...

O artista ia modelando calmamente, pacientemente, todo um mundo de harmonia a reflectir-se em vida...

La sair das mãos do homem, do escultor, a figura inconfundível, ébria de beleza, ativa de fé, sublime de bondade... do santo Missionário...

E os meus olhos e os meus sentidos todos irmanavam-se naquela harmonia que, a pouco e pouco, ia crescendo de volume, atingindo, minuto a minuto, uma aproximação da realidade...

Estava ali, naquele bocado de barro, o homem que foi gigante e que, perpetuando-se na terra, há-de continuar no Além a ensinar, de longe, todas as gerações futuras...

D. António reza, D. António sofre, D. António medita, D. António sonha... eis o que se adivinha na fronte viril do Santo Bispo...

Portanto toda a sua existência é um poema de fé gritando bondade, é um poema de bondade reflectindo perdão, é um poema de perdão irradiando amor...

E o amor é a harmonia dos que têm alma grande.

A. B.

## Fiação e Tecelagem em Seda

Por FELISBERTO RODRIGUES

(Continuação do número 13)

A ciência começa a examinar a origem da seda animal... verifica que o sirgo se alimenta das folhas da amoreira, alimento vegetal com base na celulose e procura transformar esta matéria coloidal solúvel capaz de se fazer passar numa fiavel para obter um fio. Se bem o pensa, melhor o faz e assim em 1890, Hilaire Chardonnet concebe o processo de fabricar viscosa, fio

artificial a preço mais barato que a seda animal.

Numerosas empresas procuraram aperfeiçoar o fio obtido e com a Guerra de 14, a indústria de fiação de viscosa ganha incremento desmedido na França, Inglaterra, Estados Unidos, Suíça, Holanda, Bélgica, etc.

O aparecimento deste fio, mais económico, leva a indústria de tecelagem a adoptá-lo para os seus tecidos. Portugal não poderia ficar indiferente ao progresso e a indústria nacional de tecelagem passa a importar o fio de raione viscosa.

Desenvolve-se a indústria... aperfeiçoam-se os métodos de fabrico... melhora-se a qualidade dos tecidos pela aquisição de

*Na chama esbraseante que refaz  
a ansia da minha alma indefenida  
há angústias inquietantes duma vida  
na crença que me abraça e se desfaz...*

*Sentir dentro de mim, em tom fugaz,  
a chama dessa fé enternecida,  
seria encher de luz a minha vida,  
que a dívida ergueu em tom vivaz...*

*Oh! Pudera eu viver-te de verdades,  
no pélagos medonhos dos segredos,  
tombados longamente no meu sono...*

*Então seria heróico o meu viver,  
liberto da certeza de morrer,  
seguia para Deus em abandono...*

Do livro em preparação «Rumos».

máquinas adequadas e os nossos industriais passam a concorrer com os estrangeiros em qualidade e perfeição. Importava concorrer também em preço.

A importação da matéria prima, acrescida dos direitos alfandegários, impunha-se como primeiro obstáculo que não tardou a resolver-se.

E assim em Março de 1949, surge em Sobrado — Valongo, a Companhia Industrial de Fibras Artificiais — CIFA, mercê do impulso e génio directivo do seu ilustre Presidente do Conselho de Administração, o bem conhecido e conceituado industrial, Francisco de Sousa Magalhães. Estava dado o primeiro passo para que os tecidos nacionais concorressem em preço com os estrangeiros nos mercados internacionais.

Esta empresa fabrica hoje todos os fios e tipos de raione viscosa de que a nossa indústria carece e a qualidade do seu fabrico satisfaz inteiramente a tecelagem nacional, ainda que posta em comparação com o de proveniência estrangeira.

Em Sobrado — Valongo labora em trabalho contínuo uma das maiores fontes de riqueza nacional. Na verdade, o aparecimento da CIFA, como fornecedor de fios de raione viscosa para tecelagem, meias e malhas, veio reduzir grandemente a saída de valores para o estrangeiro e simultaneamente reduzir o preço de custo dos tecidos, como melhorar a sua qualidade.

É fora de dúvida que para um bom tecido há que procurar um fio bom, de alta qualidade. E o nosso industrial não tem hoje que se preocupar com a busca de tais fios em mercado externo, porque a CIFA pode satisfazer-lhe as necessidades a seu inteiro contento.

## UM ANO MAIS...

(Continuação da página 1)

gura, dias de ansiedade e meses de lágrimas doridas, ainda que resignadas.

A vida seria mais bela e mais digna de ser vivida, se à nossa volta apenas existissem almas rectas. Os que têm defeitos descreem das virtudes dos que os cercam, e, para eles, não há beleza nem na natureza nem nos sentimentos. Vivem em ambientes de luz como se estivessem no fundo de cavernas subterrâneas. Vidas sem esperança, sem fé, sem crenças, sem ideais! Vidas a quem não é dado recordar um ano que passou, sem fechar os olhos com violência para afugentar a visão sinistra de horas que se não souberam viver! Vidas tristes aquelas que não podem folhear com serenidade o calendário dum ano acabado. Vidas tristes aquelas que foram sombras a esquecer os dias daqueles a quem deviam felicidade e deram muitas vezes desgostos apenas.

Porém é sempre tempo do arrependimento sincero e decidido!

Que um ano mal vivido seja a razão mais forte para procurardes a Felicidade desdobrando-vos em boas acções e belos sentimentos para aqueles que vos amam e que por amor tudo vos perdoam. E que um Ano Bem vivido seja o mais forte estímulo para se viver outro ano melhor ainda.

M. R.

Visado pela Comissão de Censura